

Trabalho apresentado no
II Congresso Brasileiro de Terapia Comunitária – Brasília 2004

Supervisão em Terapia Comunitária para quê?

Autoras: Lilliana Beccaro Marchetti

Co-autora: Lia Fukui

Instituição: TCendo.sp – Nemge/ USP

Endereço: Rua Campevas, 447 – Perdizes – São Paulo – SP.

CEP 05016-010 – Telfax. 3672 2426

E-mail: lbmarche@dialdata.com.br

Resumo:

Neste relato as autoras fazem uma reflexão sobre a construção da supervisão em terapia comunitária. Com a experiência de supervisão obtida por elas, no *TCendo.sp* e na Prefeitura de São Paulo, buscam refletir sobre a necessidade, o papel da supervisão e do supervisor na formação do terapeuta comunitário. Aqui levantam algumas possibilidades e procuram interlocutores para esta reflexão.

Supervisão em terapia comunitária para que?

Liliana Beccaro Marchetti

Lia Fukui

Introdução

A supervisão, uma atividade consagrada no meio acadêmico nas áreas médica, psicológica e pedagógica, vem se mostrando uma atividade importante na formação do terapeuta comunitário, fazendo parte da formação dos futuros profissionais.

Sua importância na formação do terapeuta deve-se à possibilidade de superação de dificuldades, desenvolvimento de habilidades e capacidades, descoberta de competências e estilo pessoal do supervisionando e aperfeiçoamento da ação terapêutica.

Através da experiência obtida nas supervisões no *TCendo.sp* e na Prefeitura de São Paulo durante a capacitação de 250 profissionais, as autoras buscam refletir sobre a necessidade da supervisão, o papel desta na formação e o papel do supervisor na formação do terapeuta comunitário.

O que é Supervisão?

A supervisão costuma ocorrer sempre entre um terapeuta menos experiente, o supervisionando, que apresenta a sua prática a um outro terapeuta mais experiente, o supervisor. A supervisão é uma relação bi-pessoal de ajuda mútua, pois é um processo de desenvolvimento profissional tanto para o supervisionando como para o supervisor.

Revela-se então uma relação de ajuda e cooperação. Trata-se de um processo aberto, na medida em que se pode recorrer a diversas técnicas.

Na supervisão o futuro profissional pode aprender como colocar em prática o que estudou. Costumamos dizer que “a teoria na prática é a outra!”. Portanto, a supervisão serve como ponte entre a teoria e a prática. Sua principal função é desenvolver no supervisionando a prática e a autonomia. Ele pode então seguir, através de sua autocrítica, o processo de aprendizagem por si só, conquistando um modelo próprio de atuação (ZASLAVSKY, 2003 e FRANCISCO, C M; PEREIRA, A S., Fevereiro de 2004).

Por sua vez, a supervisão dá ao supervisor a possibilidade de ampliação de horizontes, diversificação e sistematização da sua prática.

O que pensamos...

Temos alguns pressupostos que consideramos básicos neste nosso trabalho. O primeiro, o mais importante, é acreditar na capacidade de resolução de problemas do supervisionando, nos seus recursos e autonomia. Nossa postura é semelhante a de lapidadoras destes atributos.

Em segundo lugar, consideramos, como Mauss (XXX), que o aprendizado do papel de terapeuta comunitário passa pelo “corpo”. O terapeuta necessita experimentar para poder oferecer, precisa resolver para poder ser útil e precisa ter para poder dar.

O terceiro pressuposto é o de que o aprendizado na terapia comunitária deve se caracterizar pela prática de uma relação horizontal entre supervisor e supervisionando, o que deve ser propiciado pelo primeiro.

Como acontece?

Consideramos que a supervisão deve se realizar com grupos de supervisionandos e duplas de supervisores. Entendemos que este formato é muito importante e rico para o processo de definição do papel profissional do futuro terapeuta comunitário, pois através dele a supervisão modela o seu papel de maneira semelhante ao que ocorre na terapia comunitária. De maneira semelhante, assim como na sessão de terapia comunitária, o grupo torna-se um avalista da sua competência. Sendo assim, este processo dá a referência e inclui, permitindo ao terapeuta e supervisor, sentirem-se pertencendo a algo maior.

A cada sessão vários níveis são atingidos. Estes níveis podem ocorrer aleatoriamente. São eles: *individual*, em que são abordadas as necessidades individuais do caso ou do supervisionando; *comunitário*, que se refere ao grupo de supervisão e suas relações; *comunitário mais amplo*, em que se discute a aplicabilidade da terapia comunitária em novos contextos.

Durante a supervisão, procura-se estabelecer uma *rede* de ajuda mútua entre os supervisionandos, que permita a autonomia e o crescimento de todos, onde o diferente é acolhido e respeitado.

Finalmente, todas estas fases são permeadas por conteúdos teóricos, em que se usam recursos variados, sem preconceitos, pois o que buscamos unicamente é o desenvolvimento daqueles que estamos capacitando. Nosso objetivo é colaborar na "lapidação do diamante" e na sua autonomia.

Considerações finais

Esta reflexão nos permite construir um modelo de supervisão em terapia comunitária que nos dá um ponto de partida. A novidade neste campo nos leva a experimentar formas e permite um espírito aventureiro, com cuidado e seriedade.

A necessidade da supervisão, o papel da supervisão na formação e o papel do supervisor na formação do terapeuta comunitário são notórios. As autoras pensam que o desenvolvimento do papel de ambos está ligado à sua prática na supervisão. Nos sentimos hoje muito mais preparadas para desenvolver um trabalho de supervisor e portanto de terapeuta comunitário, diferenciado e rico.

As autoras propõem a construção de um modelo e levantam aqui algumas possibilidades, procurando interlocutores para esta reflexão.

Bibliografia

- ZASLAVSKY et alii. *"A supervisão psicanalítica: revisão e uma proposta de sistematização"*. Revista Psiquiatria. RS, 25(2): 297-309, mai/ ago.2003.
- MAUSS, MARCEL. "As técnicas de corpo" In: Mauss, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo, EPU/ EDUSP. 2v, 1974.
- MOREIRA, SANDRA B S. *"Descrição de Algumas Variáveis em um Procedimento de Supervisão de Terapia Analítica do Comportamento"*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, 16(1), pp. 157-170.
- FRANCISCO, C M; PEREIRA, A S. *"Supervisão e sucesso do desempenho do aluno no estágio"*. Revista Digital – Buenos Aires – Año 10 – Nº 69 – Fevereiro, 2004.
- MARCHETTI, L B; FUKUI, L. *"Situações Familiares em Terapia Comunitária"*. Trabalho apresentado na II Jornada Paulista de Terapia Familiar – São Paulo, Outubro de 2003. Também pode ser encontrado no site do TCendo.sp: www.usp.br/nemge